



SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR PARA A FILOSOFIA MORAL FEMINISTA

Juliana Missaggia - UFSM

RESUMO: O artigo tem como objetivo inicial apresentar, a partir de um panorama geral, alguns elementos centrais da concepção de *moral* no pensamento de Simone de Beauvoir, bem como suas articulações com outros conceitos pertinentes. A partir disso, pretende-se considerar determinadas apropriações e críticas de teóricas feministas recentes, buscando avaliar as possíveis contribuições do pensamento de Beauvoir à filosofia moral de viés feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia Moral. Simone de Beauvoir. Teoria Feminista.

ABSTRACT: This paper's initial purpose is to present in overview some of the key elements in Simone de Beauvoir's thought concerning the moral, as well as to indicate how it connects to whatever other concepts may prove relevant to the discussion. Taking off from there, we take a look into certain appropriations recently effected (and criticism recently epoused) by theorists engaged in feminist debates. In doing so, we endeavor to assess the potential contributions to feminist-oriented moral philosophy originating in Beauvoir's thought.

KEYWORDS: Moral Philosophy. Simone de Beauvoir. Feminist Theory.

Sobretudo a partir dos anos 80, a filosofia moral feminista se estabelece como uma das áreas mais importantes do campo de estudo que conjuga feminismo e filosofia. Desenvolvendo inicialmente uma avaliação crítica das concepções éticas da história da filosofia, diversas autoras¹, com diferentes abordagens, passam a investigar os critérios e fundamentos de uma moral que não estivesse presa aos pressupostos machistas da tradição. O questionamento de *se, como e em quais circunstâncias* o gênero interfere nos julgamentos e crenças morais, bem como as possíveis consequências disso para a formulação de uma teoria ética, passa a ser o centro das pesquisas nessa área. Em tal cenário, a obra de Simone de Beauvoir ressurge como um dos focos privilegiados de estudo, uma vez que a autora é vista como precursora de muitas das questões fundamentais da epistemologia moral.

É possível identificar nessa retomada do pensamento de Beauvoir – o qual abrange questões éticas, mas também políticas e epistemológicas – três linhas importantes de estudo, que ocorrem por vezes em paralelo no trabalho de uma mesma autora. Em primeiro lugar, aparecem uma série de produções a sustentar que a filósofa francesa foi negligenciada na pesquisa acadêmica, de modo que mesmo os poucos estudos interpretativos realizados falharam em reconhecer dimensões importantes de sua obra, a qual por vezes sequer foi considerada como tendo caráter propriamente filosófico². Outra frente de análise consiste em trabalhos autorais que não tem como foco central investigações interpretativas, mas que são explicitamente influenciados por Beauvoir³. A terceira linha de estudos, por outro lado, envolve sobretudo considerações críticas à filósofa⁴.

¹ Entre as quais Carol Gilligan, Iris Marion Young, Claudia Card, Linda Martín Alcoff, Virginia Held, Alison Jagger e Margaret Walker. Ver JAGGAR, Alison M. *Ethics naturalized: Feminism's contribution to moral epistemology*, e LENNON, Kathleen; WHITFORD, Margaret (Ed.). *Knowing the difference: Feminist perspectives in epistemology*. Referências completas na “Bibliografia”.

² Trata-se, portanto, de estudos que, embora possam conter críticas pontuais, são simpáticos à obra de Beauvoir. SIMONS, Margaret A. *The Silencing of Simone de Beauvoir: Guess What's Missing From The Second Sex* e HEINÄMAA, Sara. *Toward a phenomenology of sexual difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir*.

³ YOUNG, Iris Marion. *On female body experience: "Throwing like a girl" and other essays*; ALCOFF, Linda Martín. *Visible identities: Race, gender, and the self*.

⁴ CARD, Claudia. *Beauvoir and the Ambiguity to "ambiguity" in ethics*, GINES, Kathryn T. *Sartre, Beauvoir, and the Race/Gender Analogy: A Case for Black Feminist Philosophy*, BUTLER, Judith. *Sex and gender in Simone de Beauvoir's Second Sex*.

No que diz respeito a influência de Beauvoir são especialmente interessantes os estudos que retomam suas análises sobre a questão moral, seja enquanto interpretações, críticas ou não, desse tema no pensamento de Simone de Beauvoir, seja enquanto obras que se apropriam das análises da autora, desenvolvendo uma filosofia moral de forte inspiração beauvoiriana. Dentre tais trabalhos, é possível destacar aqueles que possuem um lugar privilegiado nos estudos mais recentes de epistemologia moral, como, por exemplo, algumas produções de Iris Marion Young, Claudia Card e Linda Martín Alcoff, embora outras intérpretes também sejam relevantes nesse campo de estudos⁵.

A questão da ética no pensamento de Beauvoir surge em diferentes obras e com distintas abordagens, mas sempre com o pano de fundo teórico e conceitual do Existencialismo e da Fenomenologia. Nesse sentido, sem dúvida a autora é influenciada pela ética da *autenticidade* de Heidegger e Sartre, assim como pela ética da *alteridade* de Levinas, mas suas análises se desenvolvem em uma direção bastante original, principalmente em virtude da inclusão de reflexões sobre a sexualidade e o gênero, temas que são ignorados ou não suficientemente desenvolvidos por tais filósofos. Além do clássico de 1949 *Le deuxième sexe (O segundo sexo)*, Beauvoir desenvolve análises sobre a ética em seus ensaios *Pyrrhus et Cinéas (Pirro e Cíneas)*, de 1944, *Pour une morale de l'ambiguïté (Por uma moral da ambiguidade)*, de 1947, além dos artigos *Faut-il brûler Sade? ("Devemos queimar Sade?")*⁶ (1952) e *Brigitte Bardot et le syndrome de Lolita ("Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita")* (1959).

Em *Pirro e Cíneas*, a filósofa trata do tradicional tema existencialista do questionamento sobre o sentido das atitudes humanas diante da aparente falta de critérios últimos e total contingência do campo das ações. Partindo da noção heideggeriana de *facticidade*, a filósofa indica, de um lado, a necessidade de construção ativa por parte do sujeito na esfera das significações de seus atos e, de outro, a irremediável situação previamente *dada* da qual partimos: o contexto social, cultural, a relação com os demais, etc. Sua ênfase é colocada na análise da liberdade em conexão com o conceito de *situação*: a situação, enquanto conjunto de condições pessoais das circunstâncias fácticas humanas, determina os termos em que a ação livre ocorrerá – nisso incluídas, evidentemente, as determinações relativas ao gênero. A *situação* diz

⁵ Além das obras já mencionadas, destacaria ainda SIMONS, Margaret A. (Ed.). *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*, SCARTH, Fredrika. *The other within: Ethics, politics, and the body in Simone de Beauvoir* e FISHER, L.; EMBREE, L. (Ed.). *Feminist Phenomenology*.

⁶ O qual é analisado por Judith Butler em seu artigo: BUTLER, Judith. 'Beauvoir on Sade: Making Sexuality into an Ethic'.

respeito, portanto, a todas as condições que não foram propriamente objeto de escolha, mas que em alguma medida interferem nas nossas decisões (DE BEAUVOIR, 1971, p. 19-23), como sua “matéria” ou quadro condicionante irrecuável. Nesse sentido, Beauvoir em parte rompe com o tipo de ideia de liberdade radical defendida por Sartre no período de *O Ser e o Nada*⁷.

De fato, é interessante observar que embora usando essencialmente a mesma terminologia, nesse ensaio Beauvoir critica muitos aspectos dos pensamentos de Sartre e Heidegger. Além da problematização da ideia de liberdade, a filósofa não aceita, por exemplo, reduzir a relação de alteridade às categorias hegelianas da dialética do senhor e do escravo, como, segundo entende a autora, o teria feito Sartre, erroneamente. No que diz respeito a Heidegger, reconhece a importância da finitude humana no momento de investigar as motivações das decisões, mas recusa que a *autenticidade* passe necessariamente por determinada atitude em relação à própria morte, como fator individualizante (DE BEAUVOIR, 1971, p. 24ss).

Essa recusa em individualizar excessivamente as ideias de autenticidade e liberdade passa justamente pela ênfase no papel crucial da alteridade na tomada de decisões em geral e, em particular, nas tomadas de decisão de tipo moral. A questão mesma da liberdade é de caráter relacional, e sequer faria sentido falar em “ser livre” para além da consideração das relações. O que talvez pareça óbvio hoje, no entanto, certamente não o é no contexto fenomenológico fortemente marcado pelo cartesianismo e a ideia de consciência *pura* do qual partiam os trabalhos do círculo intelectual da filósofa nos anos 40.

Entretanto, a negação de qualquer tipo de solipsismo moral não significa que Beauvoir não trate da individualidade, questão tão cara ao Existencialismo: sua análise das possibilidades de constituição de relações autênticas sustenta que essas passariam justamente pela noção de *apelo* (*appel*), entendido como um esforço de reconhecimento mútuo que em parte é tentativa de aproximação e em parte entendimento e aceitação das diferenças. Não se trata, portanto, de apenas buscar um reconhecimento empático a partir do que *aproxima* as pessoas, mas também, como categoria autônoma positiva, do que as diferencia e individualiza (DE BEAUVOIR, 1971, p. 30ss).

⁷ JEAN-PAUL, Sartre. *L'être et le néant*. O que poderia levar também ao questionamento de até que ponto ela não antecipa muitas das revisões sartreanas da noção de liberdade que apareceriam em 1960, com *A crítica da razão dialética*.

Essa ênfase na *diferença* e na liberdade como *situada* é sem dúvida questão fundamental à filosofia moral feminista, sendo, inclusive, tema de algumas de suas dificuldades mais significativas. De um lado, Beauvoir é criticada por constituir, com sua posição, exemplo paradigmático de um problema ainda presente nos estudos feministas, que é a concentração das análises a partir da perspectiva da mulher branca, europeia e de classe alta⁸. A ironia estaria em que, embora Beauvoir e outras autoras posteriores reivindicassem o espaço para a voz da diferença a partir do questionamento da hegemonia masculina e da falsa universalidade por ela pregada, essas mesmas feministas acabariam por introduzir, sub-reptícia e negligentemente, outro universalismo equivocado: a ideia de mulher como uma categoria política unificada, como se a *experiência vivida* das mulheres fosse sempre a mesma, tendo por base justamente a vivência de mulheres em situações pontuais de privilégio.

A dificuldade se intensifica ainda mais quando essa crítica atinente à simplificação e ao essencialismo escusos nas entrelinhas da noção beauvoiriana de mulher é articulado com questões mais amplas da teoria feminista: o problema é então como superar a ideia essencialista sobre o que é ser mulher e quem são as mulheres e, ao mesmo tempo, não diluir completamente a possibilidade do feminismo enquanto teoria e movimento político, uma vez que organizações políticas, para reivindicar suas pautas e formular suas teses, partem justamente de políticas identitárias. A situação fica especialmente complexa quando se trata da atuação político-prática concreta: quando se levanta um cartaz pedindo pelo fim da violência contra a mulher ou por uma nova regulamentação do aborto, estamos partindo, justamente, da ideia de que, sim, *há* mulheres. *Somos* mulheres. Da mesma maneira, quando a filosofia moral pretende introduzir a voz das mulheres no debate, pressupõe, mesmo que não faça disso tema explícito, ao menos um conjunto de categorias básicas que configure o que seria a experiência moral própria e especificamente feminina⁹.

Um das abordagens diante desse impasse seria a sustentação de um “essencialismo estratégico”, que em parte sai em defesa de Beauvoir: mesmo que reconheçamos que as vivências das pessoas identificadas como mulheres são múltiplas,

⁸ GINES, Kathryn T. Sartre, Beauvoir, and the Race/Gender Analogy: A Case for Black Feminist Philosophy; HULL, Gloria T., Patricia Bell Scott, Barbara Smith, eds., *But Some Of Us Are Brave: All the Women Are White, All the Blacks Are Men: Black Women's Studies*.

⁹ PAUER-STUDER, Herlinde. *Das Andere der Gerechtigkeit: Moraltheorie im Kontext der Geschlechterdifferenz*; JAGGAR, Alison M. (1994). *Living with Contradictions: Controversies in Feminist Social Ethics*.

mesmo que aceitemos os argumentos de que não há nenhuma essência a partir da qual possamos fixar a ideia de “mulher”, ainda assim seria necessário manter essa categoria de algum modo: e justamente a partir do reconhecimento de experiências comuns de opressão e pela possibilidade de reivindicar direitos. Nessa linha de argumentação, destaca-se Linda Martín Alcoff, filósofa oriunda do Panamá que se inspira em grande medida em Beauvoir, mas que desenvolve uma análise feminista e fenomenológica que inclui de modo mais extenso aspectos raciais e sociais, porém sem abrir mão da possibilidade do reconhecimento de padrões comuns de vivência a partir da noção “mulher” (ALCOFF, 1988 p. 420ss)¹⁰.

Em *Por uma moral da ambiguidade*, Beauvoir desenvolve pela primeira vez muitos dos temas relacionados à ética que seriam retomados e desenvolvidos depois em *O segundo Sexo*. Seu ponto de partida, novamente típico da Fenomenologia existencialista, parte do que ela conceitua como a dimensão *ambígua* da existência humana: podemos nos considerar livres, mas tal liberdade é sempre determinada por nossa *situação e facticidade*; partimos de nossas próprias concepções, mas mesmo o que pensamos é em grande medida permeado pela influência dos demais; somos corpo, mas *corpo vivo*¹¹, ou seja, não mero objeto no mundo, mas consciência *encarnada*; estamos vivos, mas somos também *ser para a morte*, de uma finitude certa, porém na maior parte das vezes não anunciada (DE BEAUVOIR, 1947, p. 28ss).

Partindo de tal contexto teórico e conceitual, o problema da moral seria, em primeiro lugar, o problema da falta de fundamentos últimos. A ética é histórica, contextual e finita, como qualquer fruto da atividade humana; e as decisões, de ordem pessoal, mas também coletiva. A responsabilidade é individual, mas circunscrita aos termos da situação concreta da qual o sujeito parte. Daí a distinção conceitual, mantida em obras posteriores, entre a *liberdade natural*, a ação autônoma a partir das próprias intenções e do próprio corpo *automovente*, e a *liberdade moral*, pautada pela alteridade e por um *projeto*, isto é, pela construção da própria vida e de sua conduta a partir de valores e critérios que, se o meio for tal que isso seja possível, é sobretudo de responsabilidade pessoal, apesar da evidente influência do contexto e da alteridade (DE BEAUVOIR, 1947, p. 70ss).

¹⁰ Ver também: ALCOFF, Linda Martín. *Towards a phenomenology of racial embodiment*.

¹¹ Como demonstra muito bem o trabalho de Sara Heinämaa (2003), Beauvoir desenvolve suas considerações do corpo a partir dos trabalhos de Husserl e Merleau-Ponty.

Aqui entra, novamente, o tema dos limites da liberdade que faz Beauvoir questionar alguns dogmas existencialistas: a filósofa reconhece que a constituição de um *projeto* depende de condições mínimas de autonomia que são, por exemplo, negadas a determinados grupos de indivíduos, como crianças, escravos (as) e mulheres em sociedades fortemente patriarcais. Ou seja, ainda que mantida a *liberdade natural* – o sujeito ainda pensa os próprios pensamentos e move o próprio corpo – a *liberdade moral* é restrita a partir de um projeto condicionado e pré-determinado pelo meio, de modo que mesmo seu movimento corporal pode ser restrito e vigiado e seus pensamentos permeados por culpas e imposições, tema que a filósofa desenvolve com mais pormenores em *O segundo Sexo* e que é retomado, como será indicado adiante, nos estudos de filosofia moral feminista (DE BEAUVOIR, 1947, p. 30ss).

Outro aspecto relevante de *Por uma moral da ambiguidade*, é que Beauvoir é explícita em afirmar que nega qualquer concepção *niilista* sobre a existência humana e a moral, sustentando que não entende a existência como absurda, mas com um campo aberto de significação. Desse modo, dizer que a moral é *ambígua* não é afirmar sua falta de sentido, mas sim que tal sentido é construído e não é algo fixo e definitivo (DE BEAUVOIR, 1947, p. 120ss). Nesse sentido, não haveria qualquer contradição em entender a moralidade como construção circunstancial e impermanente, e, ao mesmo tempo, defender a necessidade de discutir os critérios e condições nos quais a decisão autônoma teria mais chances de se desenvolver, incluídas aí as condições relacionadas à sexualidade e ao gênero.

Certos aspectos de *Por uma moral da ambiguidade* são, porém, criticados por Claudia Card. A teórica sustenta que haveria de fato uma ambiguidade na teoria moral de Beauvoir, mas não de um tipo positivo, como a filósofa francesa tenta sustentar. Card entende que Beauvoir evidentemente não se enquadra em qualquer tentativa de busca por princípios éticos universais, mas que tampouco poderia ser entendida como defensora de um *emotivismo*, apesar de sua ênfase nos aspectos sentimentais da ética. Justamente por sua negação em acatar qualquer base fixa para a moralidade e por enfatizar, como o contexto existencialista pedia, o papel da liberdade, a filósofa acabaria por se ver enredada em dificuldades quando as suas análises tocavam temas drásticos, como os horrores da guerra e da escravidão, e sua análise excessivamente generalista das ambiguidades das decisões morais humanas falhariam em estabelecer os termos e graus de tais ambiguidades (CARD, 2003, p. 12-4).

Card sustenta que apesar de Beauvoir ter superado aspectos significativos da ingênua concepção sartreana de *liberdade radical*, a filósofa teria permanecido presa a certos pressupostos da fenomenologia existencialista que a fizeram relacionar o conceito de ambiguidade com condições humanas gerais – como vimos, ser consciência-corporal, indivíduo-social, etc. –, mas sem atentar para análises necessárias sobre as diferenças nas condições de agentes privilegiados ou oprimidos. Não seria aceitável tratar *simpliciter* como “ambígua” tanto a ação de um agente moral com possibilidade de decidir entre diferentes projetos e critérios para sua conduta, quanto a ação de outro que é constrangido a tomar determinadas atitudes por imposição violenta (CARD, 2003, p. 15), como é o caso de tantas mulheres em situação de violência doméstica, por exemplo.

Em *O segundo Sexo*, conforme já mencionado, Beauvoir desenvolve diversos argumentos que em grande medida antecipam o ponto de partida do campo de estudos que foi depois denominado de filosofia moral feminista: haveria a necessidade de entender que o gênero, embora ignorado pelas filosofias que pretendem falar desde uma perspectiva universal, de fato interfere na percepção e decisões morais dos indivíduos, devendo, portanto, ser levado explicitamente em consideração na formulação de teorias éticas. Com isso a filósofa não pretende, é claro, afirmar que existe uma diferença *essencial* entre homens e mulheres, mas sim reconhecer como os aspectos culturais – mas também *corpóreos* – da feminilidade podem interferir nos sentimentos morais e no campo concreto das possibilidades de ação.

Esse aspecto das determinações físicas e corporais das mulheres como em parte determinando sua conduta moral é um dos temas mais complexos e controversos na interpretação de Beauvoir, e questão muito presente no debate mais atual. A filósofa defende que para uma genuína análise fenomenológica e existencialista da moralidade é necessário considerar a maneira como se dá a experiência corporal no caso de homens e mulheres, levando em conta as suas diferenças. Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir analisa essas diferenças demonstrando como imposições culturais em certo sentido *moldam* a vivência feminina da corporeidade e determinam sua conduta, de modo que devido ao fenômeno da objetificação da mulher seja comum um sentimento de alienação e distanciamento em relação ao próprio corpo e uma sustentação da identidade própria com base em certo referencial preso à alteridade masculina (DE BEAUVOIR, 2014, p. 15ss).

Um exemplo interessante de desdobramentos filosóficos fortemente inspirados em Beauvoir quanto a esse aspecto é o trabalho de Iris Marion Young¹². Sua abordagem é notável, em primeiro lugar, por se apropriar da tradição fenomenológica e existencialista e desenvolver análises de caráter político e ético acerca da experiência da mulher em relação ao próprio corpo. Young descreve aquilo que denomina de uma *intencionalidade inibida* da vivência corpórea feminina, a qual, em função de uma série de concepções prévias acerca do modo como a mulher deve se portar – e, por assim dizer, *usar* e *enquadrar* seu corpo – faz com que tenhamos a tendência de não nos apropriarmos plenamente de nossas capacidades e potencialidades físicas. Isso se reflete diretamente, por exemplo, na relação com os esportes e no modo de se portar em espaços públicos. A conclusão da filósofa, em acordo com Beauvoir, é que essa imposição da *intencionalidade inibida* seria resultado de uma tendência a experienciar nossos próprios corpos como *coisas*, que estão a todo momento sendo julgados, analisados, objetificados e sob ameaça, de modo que surge a dificuldade de vivenciarmos todas as nossas potencialidades e nos engajarmos em relações autônomas.

Um elemento central que está na base dessa concepção é a famosa ideia da mulher como o *outro* do homem, ou seja, o homem é visto como o ser humano neutro, o modelo para a noção de humanidade, representante de uma razão universal nele plenamente manifesta e, portanto, por ele expressa. A mulher, especialmente em uma tradição filosófica marcada pelo dualismo em chave de *inter-exclusão*, é vista como o diferente, o oposto, o *negativo* do homem. Enquanto à masculinidade são relacionadas as esferas da razão, da luz, da verdade, da civilização, do ativo, do público, o feminino é associado com o irracional ou emocional, o obscuro, a falsidade, a natureza, a passividade, o privado (DE BEAUVOIR, 2014, p. 25ss, p. 40ss).

A marca da mulher como o *outro* teria a tendência a determiná-la de tal modo que seria comum ocorrerem repercussões nocivas na relação das mulheres com a alteridade: por ser concebida como o *negativo* ou *oposto* e referida necessariamente a outros para a própria caracterização da sua identidade, muitas vezes a mulher se veria numa relação de autossacrifício em seu relacionamento com os demais, pois todo reconhecimento que pode encontrar passaria por tais relações – assim, enquanto o homem é cidadão ou sujeito, a mulher é mãe, esposa, filha, etc (DE BEAUVOIR, 2014,

¹² YOUNG, Iris Marion. *On female body experience: "Throwing like a girl" and other essays*. Outro trabalho interessante, que segue um caminho semelhante: BARTKY, Sandra Lee. *Toward a phenomenology of feminist consciousness*.

p. 15ss, 60ss, 75ss, 91ss). Esse tema, recorrente na obra de Beauvoir, aparece não somente em seus textos filosóficos, mas também nos romances, como *A mulher desiludida*, *Os Mandarins* e *A convidada*.

Tal aspecto é também desenvolvido com base em determinadas condições da experiência feminina, que embora certamente não sejam comuns a todas as mulheres, são parte integrante da vivência de muitas: a maternidade e a questão do *cuidado*. Beauvoir argumenta em *O segundo sexo* que apesar das determinações de natureza biológica não serem a causa primária da opressão que procura conformar a mulher a determinada feminilidade dócil e domesticada, tampouco tais fatores devem ser ignorados: o fato de que, na espécie humana, sejam os indivíduos do sexo feminino aqueles capazes de engravidar e dar à luz acaba por influenciar na criação das condições de restrição à liberdade da mulher¹³.

Beauvoir chega a dizer que se tornar mãe e estar envolta com tarefas domésticas relacionadas ao cuidado pode sim ser um fator de satisfação psicológica para a mulher, mas de modo geral seria instrumento de limitação de suas potencialidades. Essa visão “pessimista” da maternidade é em parte explicável pelo momento em que a obra é redigida: Beauvoir fala desde um contexto no qual escolher não se tornar mãe estava longe de ser uma opção fácil para as mulheres e que, de modo geral, era impensável uma participação ativa do pai nos cuidados domésticos relacionados à criação dos filhos. A filósofa sustenta, como também farão muitas feministas depois dela, que o trabalho relacionado à maternidade, além de não remunerado nem valorizado, prende a mulher à esfera privada (DE BEAUVOIR, 2014, p. 230ss, 400ss).

Em parte, a construção da feminilidade – o famoso “tornar-se mulher” – passaria justamente por moldar as mulheres para as atividades relacionadas aos cuidados maternos e domésticos, possibilitando ao homem exclusivamente a plena liberdade para se dedicar às atividades públicas, nas quais adquire o reconhecimento pleno como sujeito e cidadão. Mas para tanto, seria necessário educar a mulher desde muito cedo, moldando-a de modo a fazer parecer que ela de fato possui “instintos maternos”: enquanto os meninos serão incentivados a brincar de guerras ou aventuras, as meninas ganharão bonecas e panelas como brinquedos (DE BEAUVOIR, 2014, p. 500ss).

¹³ Como demonstra sua preocupação com os dados da biologia, à qual dedica todo o primeiro capítulo da primeira parte da obra.

Beauvoir conclui que tal “treinamento” de fato costuma moldar concepções de realidade e intenções – em seus termos existencialistas, *situações* e *projetos* – bem diferentes para homens e mulheres, inclusive no que diz respeito à constituição da subjetividade e dos afetos: as mulheres terão inclinações morais específicas ligadas à empatia e ao cuidado, assim como ao autossacrifício e à resignação, que não serão, de modo geral, tão frequentes nos homens (DE BEAUVOIR, 2014, p. 529ss). Mas tal construção tampouco seria plenamente realizável, segundo a filósofa, sem toda uma estrutura simbólica ligada à maternidade: a mulher, especialmente nas classes mais abastadas, ganharia certo status social ao se tornar mãe e muito será dito, na literatura, na mídia, na filosofia, na religião, sobre o papel “sagrado” da maternidade (DE BEAUVOIR, 2014, p. 503ss).

Partindo de tais análises da obra beauvoiriana e de suas considerações em *Por uma moral da ambiguidade*, Kristina Arp defende que a filósofa francesa foi precursora da “ética do cuidado”, que configura uma das teorias mais importantes da epistemologia moral feminista. A ética do cuidado foi desenvolvida inicialmente por Carol Gilligan, em seu clássico *In a different voice*¹⁴, no qual a autora questiona a teoria dos estágios morais de Lawrence Kohlberg¹⁵ sustentando que o filósofo estadunidense parte de uma perspectiva exclusiva masculina. Gilligan argumenta que a tese de que o estágio moral mais avançado resulta no reconhecimento de princípios morais universais não se aplica no caso das mulheres, como demonstra a partir de seus estudos e entrevistas.

O desenvolvimento moral e cognitivo feminino iria em outra direção, orientado não pela a ética da justiça e dos direitos, mas sim principalmente pela ética da responsabilidade e do cuidado com os demais. Gilligan sustenta que tal concepção ética é superior à ética orientada por princípios universais de justiça – os quais, muitas vezes, levam por exemplo a resultados de violência –, e defende que a ética do cuidado deveria ser ampliada para atingir também o desenvolvimento moral masculino¹⁶. Segundo Kristina Arp, Beauvoir ostentaria intuições semelhantes em seus trabalhos de filosofia ética, como quando nega a concepção sartreana, baseada principalmente em Hegel, segundo a qual a relação de alteridade se deixa descrever como luta entre consciências.

¹⁴ GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice*.

¹⁵ KOHLBERG, Lawrence, *Essays on Moral Development: The Philosophy of Moral Development*.

¹⁶ Vale mencionar que a ética do cuidado foi também duramente criticada na epistemologia moral, por supostamente reforçar estereótipos de gênero. Ver HOUSTON, B. *Rescuing Womanly Virtues: Some Dangers of Moral Reclamation*, CARD, Claudia. *Gender and Moral Luck*, BARTKY, Sandra.L. (ed.) *Femininity and Domination*.

A ênfase beauvoiriana no outro como constituinte da própria consciência e na possibilidade do reconhecimento pelo encontro e aceitação das diferenças (através, como vimos, do “apelo”) seria um exemplo de uma ética do cuidado, assim como a peculiaridade em relação aos sentimentos morais femininos (ARP, 2000, p.73-5), entre outros elementos.

Diante dessas questões, pode-se perceber a grande contribuição de Beauvoir aos estudos de filosofia moral feminista. Em primeiro lugar, como vimos, é preciso reconhecer adequadamente a base conceitual fenomenológica a partir da qual Beauvoir desenvolve seu pensamento. Sem tal avaliação, como muitas autoras têm apontado¹⁷, não é possível entender adequadamente a filósofa. Nesse sentido, no que diz respeito em particular a algumas questões aqui expostas, é interessante reconhecer que embora o pensamento beauvoiriano tenha influenciado fortemente a teoria feminista, foi também alvo de críticas no que concerne à universalização indevida de seu conceito de “mulher”. Em parte, talvez justamente sua base fenomenológica seria responsável pelo caráter excessivamente “generalista” de alguns dos conceitos empregados pela filósofa.

Outro ponto importante que merece atenção são as críticas de Claudia Card à ambiguidade do conceito de “moral da ambiguidade” defendido por Beauvoir, as quais poderiam ter consequências nocivas para uma teoria moral feminista, devido, como vimos, ao risco de desconsiderar situações concretas de opressão. Uma vez que em sociedades patriarcais a liberdade das mulheres e outros grupos oprimidos costuma ser limitada de maneira bastante acentuada, a concepção de Beauvoir pareceria não permitir um arcabouço conceitual suficiente quanto a esse aspecto.

Ainda assim, é interessante observar as apropriações mais positivas de sua filosofia moral: um exemplo disso é o papel do corpo e dos aspectos biológicos na constituição da moralidade feminina, tema que Iris Marion Young desenvolve amplamente, inclusive a partir de seus trabalhos autorais de explícita inspiração beauvoiriana. Nessa mesma direção, é interessante destacar a defesa de Kristina Arp de que podemos pensar a ética de Beauvoir como uma ética do cuidado, o que seria um claro indicativo do caráter precursor da obra da filósofa.

¹⁷ SIMONS, Margaret A. *The Silencing of Simone de Beauvoir: Guess What's Missing From The Second Sex*, HEINÄMAA, Sara. *Toward a phenomenology of sexual difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir*.

Referências

- ALCOFF, Linda. “Cultural feminism versus post-structuralism: The identity crisis in feminist theory”. *Signs*, p. 405-436, 1988.
- ALCOFF, Linda Martín. *Visible identities: Race, gender, and the self*. Oxford University Press, 2005.
- ALCOFF, Linda Martín. Towards a phenomenology of racial embodiment. *Radical Philosophy*, n. 95, p. 15-26, 1999.
- ALLEN Jeffner, "Through the Wild Region: An Essay in Phenomenological Feminism," *Review of Existential Psychology & Psychiatry* 18, nos. 1, 2 & 3 (1982-83).
- ARP, Kristina. “A Different Voice in the Phenomenological Tradition: Simone de Beauvoir and the Ethic of Care”. In: *Feminist Phenomenology*. Ed. Linda Fisher and Lester Embree. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2000. 71-82.
- BARTKY, Sandra.L. (ed.) *Femininity and Domination*, New York, NY: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. 'Beauvoir on Sade: Making Sexuality into an Ethic'. In *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Edited by Claudia Card, 168–88.
- BUTLER, Judith. “Sex and gender in Simone de Beauvoir's Second Sex”. *Yale French Studies*, p. 35-49, 1986.
- BUTLER, Judith. “Gendering the body: Beauvoir's philosophical contribution”. *Women, Knowledge, and Reality: Explorations in Feminist Philosophy*, p. 253-62, 1989.
- CARD, Claudia. “Gender and Moral Luck”, in V. Held (ed.) *Justice and Care*, Boulder, CO: Westview Press, pp. 79-98, 1995.
- CARD, Claudia. Beauvoir and the Ambiguity to “ambiguity” in ethics. In: *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Cambridge University Press, 2003.
- DA COSTA, Marta Rios Alves Nunes. Feminismo é humanismo: a questão das mulheres na Filosofia. *ethic@-An international Journal for Moral Philosophy*, v. 15, n. 1, p. 110-125, 2016.
- DE BEAUVOIR, Simone. *Pour Une Morale de L'Ambiguïté*. Gallimard, 1947.
- DE BEAUVOIR, Simone. *Le deuxième sexe*. Éditions Gallimard, 2014.
- DE BEAUVOIR, Simone. *Pyrrhus et Cinéas*. Paris: Gallimard. 1971.
- DE BEAUVOIR, Simone. *Faut-il brûler Sade?*. Editions Gallimard, 2014.
- DE BEAUVOIR, Simone. Brigitte Bardot et le syndrome de Lolita. *Les écrits de Simone de Beauvoir*, Paris, Gallimard, p. 363-376, 1979.
- FISHER, L.; EMBREE, L. (Ed.). *Feminist Phenomenology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 2000.
- GILLIGAN, Carol. (1982). *In a Different Voice*. Cambridge: Harvard University Press.

- GINES, Kathryn T. "Sartre, Beauvoir, and the Race/Gender Analogy: A Case for Black Feminist Philosophy." In *Convergences: Black Feminism and Continental Philosophy*, edited by Maria Davidson, Kathryn T. Gines, Donna Dale Marcano. 35-51. New York: SUNY Press, 2010.
- HEIDEGGER, Martin (1927). *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamtausgabe durchgesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.
- HELD, Virginia. (1993). *Feminist Morality: Transforming Culture, Society, and Politics*. Chicago: University of Chicago Press.
- HEINÄMAA, Sara. *Toward a phenomenology of sexual difference: Husserl, Merleau-Ponty, Beauvoir*. Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- HOOKS, bell. "True Philosophers: Beauvoir and bell." In *Simone de Beauvoir in Western Thought: Plato to Butler*, edited by Shannon M. Mussett and William S. Wilkerson. New York: SUNY Press, 2012.
- HULL, Gloria T., SCOTT, Patricia Bell, SMITH, Barbara, eds., *But Some Of Us Are Brave: All the Women Are White, All the Blacks Are Men: Black Women's Studies*. The Feminist Press: 1993
- HOUSTON, B. "Rescuing Womanly Virtues: Some Dangers of Moral Reclamation", in M. Hanen and K. Nielsen (eds.) *Canadian Journal of Philosophy: Science, Morality and Feminist Theory*, supp. 13 237-62, 1987.
- JAGGAR, Alison M. Ethics naturalized: Feminism's contribution to moral epistemology. *Metaphilosophy*, v. 31, n. 5, p. 452-468, 2000.
- LENNON, Kathleen; WHITFORD, Margaret (Ed.). *Knowing the difference: Feminist perspectives in epistemology*. Routledge, 2012.
- KRUKS, Sonia. Gender and subjectivity: Simone de Beauvoir and contemporary feminism. *Signs*, v. 18, n. 1, p. 89-110, 1992.
- KOHLBERG, Lawrence, *Essays on Moral Development: The Philosophy of Moral Development*, Vol I. Harper and Row, New York, 1981.
- PAUER-STUDER, Herlinde. *Das Andere der Gerechtigkeit: Moraltheorie im Kontext der Geschlechterdifferenz*. Berlin: Akademie Verlag, 1996.
- SARTRE, JEAN-PAUL. *L'être et le néant, Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris, Gallimard, 1943.
- SIMONS, Margaret A. "The Silencing of Simone de Beauvoir: Guess What's Missing From *The Second Sex*," *Women's Studies International Forum* 6, no. 5 (1983): 559-64
- SIMONS, Margaret A. (Ed.). *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*. Penn State Press, 2010.
- SCARTH, Fredrika. *The other within: Ethics, politics, and the body in Simone de Beauvoir*. Rowman & Littlefield, 2004.
- STOLLER, S.,(2005). *Feministische Phänomenologie und Hermeneutik*. Würzburg: Königshausen & Neumann.
- TIDD, Ursula. *Simone De Beauvoir* (Routledge critical thinkers). Routledge, 2009.
- WALKER, Margaret. (1998). *Moral Understandings: A Feminist Study in Ethics*. New York: Routledge
- YOUNG, Iris Marion. *On female body experience: "Throwing like a girl" and other essays*. Oxford University Press, 2005.
- YOUNG, Iris Marion. *Justice and the Politics of Difference*. Princeton University Press, 2011.